



“Saudade em jardim cortado”,  
pintura de José Barata de Castilho

## **Ficha técnica**

Título: O Menino que foi Pássaro

Autor: José Barata de Castilho

Editor: Pinacoteca, CRL

Castelo Branco

e-mail: administrador@pinacoteca-crl.com

Capa: Pintor José Barata de Castilho

Ilustrações: fotos de quadros do Autor e outros temas, além de duas montagens de fotografias encontradas, autores desconhecidos.

Depósito Legal Nº: 540355/24

ISBN: 9 786526 631942

Reservados todos os direitos.

Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

José Barata de Castilho

O Menino que foi Pássaro

Pinacoteca, CRL, Castelo Branco, 2024

***Aos meus netos***

## **Índice**

**O Passarão 7**

**O menino 13**

**O baptizado 17**

**A escola 21**

**A madrinha 27**

**A metamorfose 31**

**As nuvens 35**

**Planeta dos Palermas 43**

**O regresso 53**

**A manifestação dos pássaros 57**

**Em casa, finalmente! 63**

## **Palavras do autor**

Escrevi esta trama com variantes e enredos imaginários a pensar nos meus netos, seria um presente para cada um. Mas o mais novo tem seis anos, ainda não está em condições de ler a história.

Submetida a primeira versão do texto à leitura de alguém que percebe de crianças da época actual, foi-me dito que o escrito era muito interessante, com situações engraçadas, irónicas e cómicas, mas difícil de entender, que não se enquadrava no género do conto para crianças pequeninas.

Também não condiz com a sociedade actual em vários pontos, já que muitas passagens são próprias dos anos 60 e 70 do século passado, apesar de abordar temas actuais. E que não agradará a alguns que se sintam bem numa sociedade regida pelo pensamento único e “politicamente correcto” veiculado pelas redes televisivas, já assimilados por pais e crianças. Talvez sim ou não, não se pode agradar a todos.

Fiquei surpreendido mas achei muito interessante, pois concluí que vivo numa época que vi nascer lentamente mas tenho uma visão intemporal, como se o tempo passado fosse actual. Em suma, tenho um modo de ver as coisas à luz da vivência dum octogenário, já que o sou, o que acaba por ser uma espécie de fenómeno digno de divulgação. Então, sem alterar o conteúdo, revi o texto, com vista a que seja melhor entendido e retirei palavras controversas, sem mudar a significação da obra.

Esta é uma história para crianças crescidas, que já sabem ler bem e gostam de leitura. Suponho que não será um livro de supermercados, porque não foi encomendado por eles e só literatura formatada ali entra. O livre pensamento do escritor, bom ou mau, deixou de estar acessível, porque as livrarias foram absorvidas por essas grandes cadeias comerciais e não há distribuição.

Este livro não é comercial, é expressão de pensamento. O texto é ficção, quase sempre surreal, não pretendeu enquadrar-se de modo nenhum na narrativa realista.

## **O Passarão**

Tomás estava no cimo do eucalipto mais alto que existe num jardim de Lisboa. Ali poisou, para descansar um pouco da longa viagem pelos ares. Olhou para o lado do Tejo e viu que era lindo, parecia um mar que se estendia para o lado de lá como se não quisesse passar por baixo da ponte de ferro, em direcção ao mar.

O tempo tinha passado e de passarinho tinha passado ao passarão enorme que agora era. Por ser tão grande, metia medo aos outros pássaros, mas não havia razões para o temerem, ele defendia-os. Era o caso de hoje, ele deixara o Alentejo para tratar de obter uma decisão que proibisse a caça às rolas, que poucas já eram por escassez de grãos, pois já ninguém ali semeava trigo.

Teve fome e pediu no ar com voz forte comida de gente, porque era rapaz metamorfoseado em pássaro, usando a fórmula mágica que lhe ensinara a madrinha – uma fada secreta, que tinha um dom que só ela e ele sabiam.

Cantou tri-laró-ló-lé quero bife. Pelos ares veio um prato com bife e batatas fritas, sabe-se lá de que restaurante voou.

Depois quis falar com o Ministro que tratava da caça, mas não sabia quem era nem onde tinha o escritório.

Perguntou a um pardal – os pardais são astutos, metem-se em todo o lado ouvem e vêem tudo.

- Ó pardal fino, onde está o ministro que trata da caça às rolas?

- Estás a ver aquele prédio muito alto todo envidraçado?

- Estou.

- Então vais lá, ele trabalha no último andar, o mais alto de todos, que é para ver bem a passarada. Mas que queres tu desse fulano?

- Quero ver se arranjo forma de proibirem a caça às nossas amigas rolas.

- Oh!!!... Isso vai ser impossível e não é só o ministro que manda, há o governo todo e um parlamento, com mais deputados do que rolas existem hoje e são discussões sem fim.

- Mas tem de ser! Além de matarem rolas põem em perigo os outros pássaros. Há dias andava eu a planar lá alto por cima das azinheiras deram um tiro para uma rola, não acertaram, os grãos de chumbo já frios e com pouca força chegaram ao pé de mim, um ainda me bateu numa pena da asa direita.

- Como és tão grande tinham muito onde acertar!

- Mas eles não se interessam por pássaros de grande porte e eu costumo voar muito alto. Vou ao Ministério. Adeus.

Quando voou à volta do último piso do tal edifício viu uma janela aberta sem ninguém dentro do escritório.

Entrou, viu na secretária papel e lápis vermelho. Escreveu o seguinte:

**“ AVISO DO CÉU**

**Se não proibirem a caça às rolas serão convocados os pássaros de todas as espécies, que vos forçarão a ficar retidos nos gabinetes até tomarem essa decisão.**

**Assina: Passarão”.**

Quando o Ministro voltou dum almoço de serviço, com boas iguarias e excelente bebida num